

## A Presença do Regionalismo na Literatura Tocantinense: Diálogo com Célio

Pedreira

## The Presence of Regionalism in Tocantinense's Literature: Dialogue with Célio

Pedreira

Lídia Apolinario Pires<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

Viviane Cristina Oliveira<sup>2</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Ao entrar em contato com as obras da literatura no Tocantins nota-se a incidência de uma cultura regional de forte presença, tanto nos romances, quanto nos poemas. No entanto, esse estado ainda apresenta uma problemática de identidade literária. Observando-a, surge a proposta deste trabalho, vinculado ao Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), de estudar e analisar a fundo essa presença dentro de algumas obras da literatura tocantinense dentre elas *As tocaninas* do poeta Célio Pedreira, tendo a base teórica formada por textos como *Do Beco ao Belo*, de Lígia Chiappini, *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido, entre outros textos. Pretende-se fazer uma profunda reflexão cuidadosa sobre todos os aspectos e peculiaridades do regionalismo dentro das produções literárias escolhidas a fim de, além de perceber a importância do regionalismo universal e local dentro da literatura, perceber a literatura regional como possível identidade literária tocantinense. A partir desse estudo aprofundado sobre a face literária abordada poderá ser traçado um esboço do perfil da literatura tocantinense.

**Palavras-chave:** Regionalismo; Universal; Local; Literatura tocantinense.

**Abstract:** When reading literary works in the State of Tocantins, we note the incidence of a strong regional culture, in both novels and poems. However, this status still has a literary identity problem. The purpose of this paper is to deeply discuss this problem, in order to deeply study and analyze this presence in some books of Tocantins' literature, among them *As tocaninas* by the poet Célio Pedreira. This research is the result of Scientific Initiation Project (PIBIC). This paper is theoretically based on texts such as *Do Beco ao Belo*, by Lígia Chiappini, *Formação da Literatura Brasileira*, by Antonio Candido, to name a few others. We intend to study all aspects and peculiarities of Regionalism in the selected literary works. In addition to that, we intend to discuss the importance of the universal Regionalism and location within this literature, discuss the regional literature as the visible Tocantins' literary identity. From this research about its literary traits, it may be traced a sketch of the profile of Tocantins literature.

**Key-words:** Regionalism; Universal; Local; Tocantins' Literature.

**Submetido em 16 de junho de 2016.**

**Aprovado em 10 de setembro de 2016.**

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Bolsista PIBIC/CNPq.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins. Doutoranda em Estudos Literários pela UFMG.

## **Introdução**

A presente pesquisa vinculada ao Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) surge a partir da percepção da constante presença de elementos do regional em obras da literatura no Estado do Tocantins. A partir da observação dessa incidência nasce, então, a proposta de estudar e analisar a presença do regionalismo dentro de algumas obras literárias tocantinenses e, assim, ensaiar a construção de um esboço do que poderia ser chamado de perfil dessas obras. Entendemos aqui o perfil como uma possível face da literatura que foi percebido com destaque nas produções tocantinenses de maior importância.

Por primeiro, devemos nos perguntar, porque falar de uma literatura tocantinense se existe um cânon literário brasileiro já consolidado? Já diz Antonio Candido, “[s]e não existe literatura paulista, gaúcha, ou pernambucana, há sem dúvida literatura brasileira manifestando-se de modos diferentes nos diferentes Estados” (CANDIDO, 2014, p. 147).

É por sentir essa presença literária particular no Estado do Tocantins que resolvemos buscar com curiosidade essa manifestação que, pelo que podemos notar, vem a ser uma literatura repleta de traços regionalistas e eixos temáticos que caracterizam essa vertente.

### **1. Breves Considerações sobre o Regionalismo**

Para se falar de regionalismo é necessário primeiro voltar-nos aos primeiros textos com esses traços para entender a literatura tocantinense. Inicialmente, entende-se por texto regionalista aquele que possui uma apresentação acentuada de elementos próprios acerca do local, que são retratados no espaço geográfico, nas particularidades linguísticas, bem como na figura do sertanejo. Essa face literária tem sua origem, segundo Candido (1989), no romantismo, pelo qual o sertanejo assumiu o papel de herói na formação do que seria o novo país. Logo surgiram manifestações literárias com elementos regionais, contudo essa vertente atingiu sua época de relevância significativa partindo de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1902) culminando na década de 30.

Esse período foi essencial à literatura brasileira, principalmente para o regionalismo que deixou por um tempo de focar-se no sudeste, o que poderia ser chamado o centro da literatura brasileira, e voltou-se principalmente para o nordeste, no qual os personagens passaram a retratar com mais vigor os problemas políticos. Jorge

Amado, além de outros escritores, por exemplo, utilizaram a literatura como uma forma de chamar atenção para os problemas sociais.

Essa época ficou marcada por um estigma de literatura de atraso e subdesenvolvimento, não só pelos traços literários, mas pelo pensamento social que vigorava na época, de como discutir os problemas sociais e políticos além da geografia das cidades cosmopolitas, que aqui se trata como a cultura urbana, contra a cultura que guarda o que é da terra, do local, isto é, aquele que não sai do sertão. Como diz Candido,

As áreas de subdesenvolvimento e os problemas do subdesenvolvimento (ou atraso) invadem o campo da consciência e da sensibilidade do escritor, propondo sugestões, erigindo-se em assunto que é impossível evitar, tornando-se estímulos positivos ou negativos da criação. (CANDIDO, 1989, p. 152)

Então, em 1956 surge o ápice da história do regionalismo brasileiro, a publicação de *Grande Sertão: Veredas*. A obra prima de Guimarães Rosa mudou o sentido do regionalismo de tal maneira que Antonio Candido, para não atribuir essa nomenclatura usada para a literatura de atraso resolveu chamar de super-regionalismo a produção rosiana, “[d]este super-regionalismo é tributária, no Brasil, a obra revolucionária de Guimarães Rosa solidamente plantada no que poderia chamar de a universalidade da região” (CANDIDO, 1989, p. 162). É inevitável deixar de atribuir elementos da literatura regional à obra rosiana, no entanto, a metafísica presente na mesma faz com que a literatura regional seja elevada a outro patamar: o universal. Como ainda diz o teórico ao falar que Guimarães Rosa,

A gente sentia que o regionalismo dele não era de cunho pitoresco. O pitoresco havia, evidentemente, mas já havia uma universalidade dos temas, havia uma espécie de vibração espiritual, uma vibração em relação aos grandes problemas que atormentam o homem [...] (CANDIDO, 2011, p. 20).

Quanto à universalidade que se encontra presente na literatura regional, a mesma pode ser explicada em certa parte pelas palavras da teórica Lígia Chiappini que afirma:

não é menos verdade que *também tem, nesses e em outros países*, contestado essas mesmas políticas e aproximado solidariamente o leitor da cidade do homem pobre do campo, auxiliando-nos a vencer preconceitos, respeitar a diferença e alargar nossa sensibilidade ao *descobrir a humanidade do outro de classe e de cultura* (CHIAPPINI, 1995, p. 154, grifo nosso)

Simplificando o universalismo da literatura regional, pode-se dizer que essa face literária, como qualquer outra vertente literária, querendo ou não, aborda temáticas e assuntos que podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo. Em outras palavras, cultura, tradição, sentimento de identidade e ternura em relação à sua própria terra podem ser encontrados em todo lugar. A mudança que percebemos são detalhes geográficos e diferentes manifestações culturais que variam de região para região. Ou seja, toda região possui sua especificidade, mas também, possui algo que é comum a todas as regiões.

Como afirma Albertina Vicentini, “[p]ortanto, região, em literatura, tem sido região nos seus aspectos físico, geográfico, antropológico, psicológico etc., subsumidos na história relatada” (VICENTINI, 2007, p. 188) e ainda, “[a]té aqui, nada ainda distingue a literatura regionalista das outras literaturas, porque toda narrativa, qualquer que seja, apresenta esse embasamento histórico para a criação de mundos fictícios representados” (VICENTINI, 2007, p. 188). Vicentini destaca o fato inegável que, região não tem mais o sentido de apenas espaço geográfico, que querendo ou não influencia o homem e até sua identidade, e acrescenta que é necessário um espaço e uma história real para se criar o fictício. Diante dessas afirmações podemos perceber que no regionalismo há uma marcação forte do espaço que influencia na identidade do sertanejo e dessa forma o local histórico é essencial para a criação do fictício, refletindo assim na subjetividade da obra.

O que diferencia então o regionalismo local do universal, segundo a teórica Lígia Chiappini (1995), seria o caráter performativo, ou seja, uma atenção diferenciada aos elementos próprios do local, que ganham uma conotação especial, dentro da literatura regionalista. Essa conotação terna a respeito da região bem como o espaço geográfico, as expressões locais, as crenças, a tradição de seu povo tanto quanto os problemas que assomam a vida de uma comunidade são inerentes à literatura regional.

Diante disso, o que se defende aqui não vem a ser o local e o universal do regionalismo com um sentido dicotômico, isso é, o local que exclui o universal, por exemplo, mas a junção dos sentidos. Em primeiro momento, para existir um sertão subjetivo que se encontra dentro do próprio homem como essência de si, deve, primeiro, existir um sertão concreto, falamos de um espaço geográfico e de um povo com sua cultura, pois para se ter um sertão dentro de si, é necessário algo externo para que esse seja convertido para dentro.

Esse sertão, uma vez convergido para fora do sertanejo pode ser concretizado em qualquer espaço geográfico. Antonio Candido resume ao falar de Guimarães Rosa:

Para mim o mundo do Guimarães Rosa não é em Minas, o mundo do Guimarães Rosa é o mundo, porque, dentro daquele enquadramento rigoroso, documentário, do sertão mineiro, aquilo serviu de palco para ele desenvolver um drama que ocorre em qualquer lugar do mundo [...] (CANDIDO, 2011, p. 22).

Candido deixou claro que Guimarães utilizou o sertão mineiro, o local, como espaço. Rosa fora um grande estudioso do espaço e de tudo que o compõe, fauna, flora e seu povo vivendo diretamente com os jagunços. Com esse conhecimento científico, o escritor fez uma obra com uma voz local extrema abordando temas que não eram novidade na literatura, como a figura do sertanejo determinista que mata por poder, o ambiente bem descrito, o linguajar. Mas, essa obra tornou-se o modelo brasileiro perfeito de uma obra universal simplesmente por tratar de temáticas que interessam não só ao sertanejo de Minas, mas a qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo. Portanto, podemos encontrar em qualquer obra regional, temáticas centrais que chamam a atenção das pessoas em todo o mundo como o amor, a violência, a família, as crenças ou o amor à terra, por exemplo, mesmo que a obra esteja carregada com elementos próprios de uma região, a temática abordada com aquela conotação pitoresca será aceita em qualquer local.

## 2. A Poesia de Célio Pedreira

Em se tratando da literatura no Estado do Tocantins, essa é carregada de obras com características regionalistas, por tratar de uma literatura intimamente ligada à terra e aos costumes locais, tratando também, de temáticas universais dentro do texto. Entre essas obras de cunho regional destacamos as poesias de Célio Pedreira<sup>3</sup>. Seu poema de dez cantos intitulado *Catedral*, construído em homenagem aos 100 anos da Catedral Nossa Senhora das Mercês de Porto Nacional, encena o ato criador da igreja, que se mistura à história do povo tocaninense.

A obra apresenta uma verdade que assombra de certa forma aqueles que entram em contato com a discussão sobre a vertente literária aqui estudada, diz o verso, “[c]riar sertão/ carece quimera” (PEDREIRA, 2003, p. 15). Pode-se tomar essa quimera como a

<sup>3</sup>Raimundo Célio Pedreira (1959), nascido em Porto Nacional, médico e poeta. Obras publicadas: Porta (2003); Cantigas da Claridade (2005); Um poema Catedral uma canção (2007); Agudas e crônicas (2007); Porto Transversal (2008); Três Cartas para Maria Isabel (2008); As tocaninas (2014).

criação literária e a representatividade ficcional do sertão retrato, Célio comenta a construção do próprio texto literário, que necessita do imaginário quimérico até mesmo do povo para criar sua obra.

Pode-se dizer que literatura regionalista sempre retoma a discussão a respeito dos aspectos locais dentro das manifestações literárias, como coloca Célio (2003, p. 27) em seu verso “sertão de renascer”; o regionalismo assume a forma da fênix que morre e das cinzas renasce, assim como o ressurgir do sertão do fracassado na década de 30, e do sertão metafísico com Guimarães Rosa, e do próprio regionalismo na literatura no estado do Tocantins. Esse renascer aqui se entende por face literária que por um tempo fica como diria Chiappini (1995) “fora de moda”, mas que ressurgue voltando a ser o foco das manifestações literárias que vêm surgindo.

Alguns escritores como Pedreira conseguem enfrentar esse desafio quimérico e construir um texto regionalista com temáticas que tanto se voltam para o local, quanto para o universal como podemos perceber no terceiro poema de *Catedral*, “[e]nxuga/ o sol nos ombros/ quem labora/ a pedra/ para assentar no cerrado/ sobre as cinzas/ entre as palhas/ os pés da esperança.” (PEDREIRA, 2003, p. 19). Podemos perceber o esforço dos caboclos de sol a sol para erguer a igreja assentada no sertão a pedra em cima das cinzas remete ao passado do povo. O poema nos traz lampejos de um sentimento daqueles que erguem uma construção como refúgio, como também lembra o homem que foi explorado com o trabalho na construção da Catedral, não só por ser uma igreja, mas um monumento que marca a história do povo, sendo um começo ou um recomeço dentro de um passado cinzento, servindo para a história de qualquer povo. O poema II de *Catedral* diz,

Quantas poucas mãos/ erguem sonhos/ de tantos/ que rezam/ benditos/ santos  
caboclos/ santas tapuias. / Sacerdotes do ermo/ coroando/ uma/ senhora/ feita nossa/  
custódia/ perpétua/ das dores/ das graças/ aparecida/ das mercês. (PEDREIRA,  
2003, p. 17-18)

Notamos aqui um poema construído assim como a catedral em si, pedra por pedra, carregada nos ombros dos trabalhadores, característica que se percebe nos outros poemas da obra, uma estrutura que é construída palavra por palavra, devagar com cuidado carregada nos ombros do poeta e que no final torna-se um refúgio para os leitores, assim como para o povo sertanejo que se refugia na catedral para buscar algo que alimente sua alma.

Nesse segundo poema Pedreira retrata a religiosidade popular citando alguns títulos dados à Nossa Senhora, remetendo aos diferentes caboclos que por Porto Nacional chegaram de várias regiões diferentes do país e que ajudaram a construir a igreja, assim como a cultura local, o sertão em si.

Ao falar das tapuias, Célio Pedreira nos leva automaticamente à literatura do mito de origem brasileiro: *Iracema*, de José de Alencar que dá a luz ao povo brasileiro, assim as santas tapuias, não diferente de uma terra ainda com cultura indígena muito forte, dão origem ao povo tocantinense.

Pedreira constrói em sua obra cem anos da Catedral da cidade de Porto Nacional trazendo uma questão histórica, em relação ao povo tocantinense, assim como traz as particularidades culturais desse povo em outra produção. O poeta trabalha dentro da obra *As tocantinas*, elementos de guarda da tradição e da cultura do povo tocantinense que, ainda em formação, procura se consolidar como estado e como literatura assim como qualquer povo busca.

Célio afasta um pouco seu olhar da criação com um teor mais universal e resgata a terra como tradição tocantinense não invalidando as temáticas universais, como podemos observar em *Infinitivo pleno*: “Entre o sertão e o perto/ a procura converge um aberto/ horizonte desarmando os olhos/ de um apreciar sem bordas/ a enclausurar longe.” (PEDREIRA, 2014, p. 107). Este poema pode remeter a algumas temáticas, como o sertão como cultura, o sertão como o próprio homem e sua ligação com a terra, o sertão como espaço geográfico e, até mesmo, como a literatura regionalista que sempre está enclausurando o longe.

Na literatura tocantinense podemos perceber uma alta relação com o espaço geográfico que retratado em alguns lugares específicos como a Catedral de Nossa Senhora das Mercês da cidade de Porto Nacional, como conta em seu livro *Catedral*, no canto VII,

Vigília secular/ do rio/ a catedral/ para navegar/ os incautos/ que o apedrejam/ lago/  
em lugar de correnteza/ naufrágio/ em lugar de árvores/ cimento/ em lugar de praças/  
vazio/ em lugar de pássaros (PEDREIRA, 2003, p. 25).

Ao mesmo tempo que a referida catedral é um lugar específico de Porto Nacional, o sentimento de passagem dos anos e as mudanças que com ela vem, como a construção que acaba se transformando em um cenário importante para a geração de

uma família, sendo o lugar em que os filhos e netos foram batizados, por exemplo, são sentidas em qualquer parte do mundo como qualquer outra construção importante para um povo, ou mesmo pode referir às transformações que uma comunidade sofre com a cultura exterior, e a modificação da paisagem ao passar do tempo.

Lembrar o sertão como espaço é fundamental, dentro da narrativa, pois é necessário um espaço para acontecer as ações, pois como diz Albertina Vicentini, “as *ações* praticadas pela rede dos personagens, *lugar* de onde se fala, componente concreto da percepção do *tempo* abstrato” (VICENTINI, s/d, p. 190, grifos da autora), ou seja, esse lugar é essencial na literatura regionalista, pois vem a ser um dos principais, talvez o primeiro elemento característico do regionalismo, percebendo-se em muitos textos como *O Rio*, de João Cabral de Melo Neto, como se entende também no regionalismo tocantinense.

Dito isso, espaço-sertão é inerente quanto à identidade que o autor regionalista procura guardar. Cada espécie de árvore, ou arbusto, assim como cada animal ou o relevo são importantes para a formação da face regionalista, não apenas colocado para a ambientação do enredo, mas de forma terna, pertencente àquele povo, que carrega com carinho cada espécie típica que o seu sertão possui.

Da mesma maneira acontece com a tradição de um lugar, como o poema de Célio Pedreira *Chá de suficiência*, que retrata uma receita de chá típico da região tocantinense de Monte do Carmo:

Recolha uma beira de córrego/ deixe descansar a sombra para curtir./ Tome um punhado de caminhos/ desses bem indiferentes/ e põe a coar em almas de algodão./ Apanhe dois brejos alegres/ e uma chávena de boca-de-noite/ para amaciar lajedos./ Ao cerrado branco/ junte tudo num vão de luar/ e deixe descansar/ até o amanhecer./ Sorva em jejum. (PEDREIRA, 2014, p. 21).

O poema simplesmente nos cita uma receita de um chá típico da região de Monte do Carmo no Estado do Tocantins. Esse chá faz parte da tradição do povo carmelitano, assim como em diversas outras culturas existem suas tradições. O poema nos traz um jogo de palavras que, ao ler pela primeira vez, nos vem uma série de imagens metafóricas, por exemplo, o primeiro verso, “Recolha uma beira de córrego” (PEDREIRA, 2014, p. 21).

Essa temática que o poema nos traz é uma bela imagem do regionalismo que não se preocupa com apenas o espaço geográfico, ou com a construção do homem do sertão, mas com a permanência da tradição, ora, o poeta apenas organiza as palavras para nos



ensinar a fazer um remédio medicinal, tradicional daquela região, a poesia dá-se por si, o sertão já carrega a poesia por si, na sua cultura.

Esses poemas nos provam, portanto, que por maior teor localista e simples do texto, pode-se sempre encontrar algum elemento que nos remete à universalidade dentro da obra, como as temáticas abordadas ou os problemas da terra e do sertanejo, e esta afirmação vem a ser inerente à face literária regionalista.

Dessa a literatura tocantinense, em especial os poemas de Célio Pedreira, apresenta uma face para assim entender as manifestações literárias do Estado do Tocantins que ainda jovem, está tentando criar-se construir-se em cima de um alicerce regionalista.

### **Considerações Finais**

Concluimos que a literatura regional, por abordar os problemas do sertão e do sertanejo, se universaliza, pois em qualquer lugar do mundo existe um sertão. Analisando a problematizando o sertão como um todo, podemos dizer que dentro dessa face literária há os elementos que representam as “características primárias” do regionalismo, por exemplo, o sertão como espaço geográfico, a nomeação dos elementos do ambiente como o cuidado com a nomeação das espécies locais de árvores, e animais, poderia até afirmar uma expressão maior da cor local, esses elementos do regionalismo foram subjetivados atingindo uma conotação metafísica, como se pode perceber na narrativa rosiana, que nos mostra um sertão filosófico e universal.

Em se tratando do regionalismo tocantinense, depois da subjetivação do regionalismo, observou-se que o mesmo resgata as características primárias dessa face literária atentando-se para a conservação da cultura local, chegando até em um tom de exaltação aos elementos locais. Traz à tona um lado literário que foi deixado à margem, assim diz Pedreira “a enclausurar longe” (PEDREIRA, 2014, p. 107).

A poesia de Célio Pedreira possui esse tom de pertença e de ternura ao falar da cultura local, de manutenção da imagem simples do sertanejo e seu cuidado ao falar da paisagem e das imagens sertanejas tocantinenses como motivo de orgulho e não de afastamento. Parece-nos que as manifestações literárias tocantinenses, mesmo que inconscientemente, procuram fazer uma literatura de autoafirmação como afirma Candido (2014).

Em se tratando da literatura no Tocantins, nos parece que alguns escritores dessa terra se sentem mais satisfeitos com sua obra se dentro das mesmas colocam elementos que se voltam para a terra, como elementos típicos tocantinenses, como uma expressão ou uma árvore nativa assim procedendo, talvez, engendrariam a desvinculação tanto geográfica do Estado de Goiás como literária, e assim auto-afirmando uma literatura própria, tocantinense.

Percebemos que o Estado do Tocantins por ser novo ainda está construindo sua formação tanto política, quanto cultural e acima de tudo literária. E os responsáveis por essa construção universalizam esse local específico tocantinense com o sentimento utópico mítico, que por mais que fale de uma árvore específica ou uma frase própria da terra ainda traz assuntos que interessam qualquer pessoa, principalmente, o sentimento identitário de pertença da terra, de suas raízes, de sua cultura, que pode ser expresso ao passar em qualquer sertão do mundo.

Esse sentimento de pertença à terra tão forte na literatura regional de qualquer país e que se encontra, também, na maioria das manifestações literárias do Estado do Tocantins, nos leva a afirmar que esse estado possui uma forte voz regional, podendo até dizer que tem como perfil maior a face literária regionalista.

## Referências

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2014.

CANDIDO, Antonio. *In: Depoimentos sobre Guimarães Rosa e sua obra*. Nova Fronteira, 2011.

CHIAPPINI, L. Do beco ao belo – dez teses sobre o regionalismo na literatura. *Estudos Históricos*. Vol.8, N.15, p.153-163, 1995.

GALVÃO, W. N. Anotações à margem do regionalismo. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada/FFLCH-USP, N. 5, p. 44-55, 2000.

PEDREIRA, Raimundo Célio. *As tocantinas*. Palmas: EDUFT, 2014.

PEDREIRA, Raimundo Célio; LIRA, Elizeu R. *Catedral*. Porto Nacional-TO: Pote, 2003.

SANTINI. J. A formação da Literatura Brasileira e o regionalismo. *Revista de Literatura Brasileira*, Vol. 20, N. 1, p. 69-85, jan.-jun. 2011.

VICENTINI. A. Regionalismo literário e sentidos do sertão. *Revista Sociedade e Cultura*, Vol. 10, N. 2, p. 187-196, jul.-dez. 2007.